

Parte II - Narrativas e iconografia sobre a América indígena

Indígenas americanos na obra de Jacques Arago (1817-1854)

Daniel Dutra Coelho Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGA, DDC. Indígenas americanos na obra de Jacques Arago (1817-1854). In: PORTUGAL, AR., and HURTADO, LR., orgs. *Representações culturais da América indígena* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Desafios contemporâneos collection, pp. 173-212. ISBN 978-85-7983-629-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INDÍGENAS AMERICANOS NA OBRA DE JACQUES ARAGO (1817-1854)

*Daniel Dutra Coelho Braga**

A trajetória¹ de Jacques Étienne Victor Arago (1790-1854) é certamente instigante. Irmão de François Arago, renomado astrônomo francês, o viajante e desenhista atuou nos campos científico, artístico e literário da França. Embora tenha iniciado seus estudos em Direito, logo cedo manifestou o desejo por uma “vida agitada”, para usar o termo do historiador François Sarda, o que o afastou do campo jurídico. Graças à intercessão do irmão François, membro da Academia Real de Ciências, Jacques Arago acompanhou o oficial da marinha Louis de Freycinet (1779-1842) em uma expedição de volta ao mundo iniciada em 1817. Arago foi encarregado de registrar, mediante desenhos, as paisagens, elementos naturais e povos encontrados ao longo da viagem, que durou três anos. Posteriormente, o desenhista morou em diversas cidades francesas, tendo residido em Bordeaux entre

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ e integrante do Laboratório de História e Ecologia do Instituto de História da UFRJ.

1 Recorre-se ao conceito de trajetória tal como compreendido por Bourdieu (1994, p.78). O conceito de trajetória se diferencia da ideia de biografia, pois pressupõe uma série diferenciada de posicionamentos sociais sucessivamente ocupados. Nesse sentido, não haveria um nexos preestabelecido e necessário que unisse tais posicionamentos. Buscar tal nexos seria incorrer, de acordo com Bourdieu, em uma “ilusão biográfica” (ibid., p.81-89).

1823 e 1828 e, depois, em Toulouse, Lyon e Rouen. Ao longo de sua vida na França, escreveu diversas peças, fundou o jornal de curta duração *Le Kaléidoscope* [O caleidoscópio] e participou de sociedades artísticas e literárias. Além disso, sua participação na vida política foi constante, tal como denotam muitas de suas publicações, além de sua participação nos combates de rua de 1848. Insatisfeito com o golpe de Estado promovido por Luís Napoleão Bonaparte, Arago se transfere para o Brasil, onde falece em 1854 (Lequeux, 2008, p.31-32; Sarda, 2003, p.185-201).

O objetivo do presente artigo é analisar algumas das representações referentes a indígenas americanos produzidas por Arago ao longo de tão complexa trajetória. Nesse sentido, destaca-se a série de cartas escritas ao longo da viagem de volta ao mundo junto a Freycinet, posteriormente editadas em 1839 no romance *Souvenirs d'un aveugle* [Lembranças de um cego]. Além disso, analisa-se o romance *Les Deux Océans* [Os dois oceanos], publicado em 1854. Dentre os locais americanos descritos por Arago em tais textos, destacam-se a capitania do Rio de Janeiro e as ilhas Sandwich, na costa oeste americana, as quais integram o arquipélago posteriormente conhecido como Havai.² Para uma melhor compreensão das construções

2 O itinerário da expedição de Louis de Freycinet foi bem vasto. Os relatórios de Freycinet (1825, p.xiv-xx) registram o itinerário da viagem. Após deixar Toulon, os viajantes chegaram em Gibraltar no dia 11 de outubro, dirigindo-se posteriormente a Tenerife, onde se estabeleceram por dois dias. O Rio de Janeiro é o alvo seguinte da expedição, que se estabelece na então capitania por quase dois meses a partir de 6 de dezembro. Do Brasil a expedição parte para o Cabo da Boa Esperança, entre 7 de março e 5 de abril de 1818. Após cruzar o Cabo, a expedição se dedica ao estudo das ilhas do Oceano Índico. A Ilha de França, atual Ilha Maurícia, é o ponto seguinte do itinerário, onde os tripulantes se estabelecem entre 5 de maio e 16 de julho. Além disso, constaram no trajeto a Ilha de Bourbon, bem como a baía dos Chiens-Marins, posteriormente denominada pelos ingleses de Baía Shark, na Austrália, onde a tripulação permanece entre 12 e 26 de setembro de 1817. Em seguida, a expedição se dirige à Ilha do Timor, estabelecendo-se tanto em Coupang, região de domínio holandês, entre 9 e 23 de outubro, como também em Dicy, território português, onde permanecem até 22 de novembro. Seguem então para a Ilha de Rawak, próxima de Waigiou, atual Nova Guiné, no sudoeste do Oceano Pacífico. A expedição se estabelece

textuais referentes às comunidades tradicionais americanas, realiza-se também uma reflexão sobre a literatura de viagem oitocentista, bem como sobre as tradições textuais de representação dos selvagens. Além disso, são analisados alguns textos contemporâneos aos de Jacques Arago, tais como os escritos pelo comandante Louis de Freycinet, pelo também viajante oitocentista Ferdinand Denis e pelo naturalista setecentista Bernardin de Saint-Pierre. Mediante comparações, busca-se identificar as especificidades dos textos do próprio Arago.

A literatura de viagens na qual esses relatos se inserem forma um *corpus* documental certamente complexo. Logo, ao analisá-los, é necessário identificar as filiações textuais que os compõem. Muitas vezes os relatos de viagem do século XIX sequer estavam comprometidos com alguma verdade referente à experiência da viagem. Em muitos aspectos, os relatos poderiam funcionar como uma oportunidade para os viajantes criticarem a sua própria realidade social, reificando elementos da vida de outros povos, considerados virtuosos e positivos. Os relatos de viagens imaginárias e utópicas se constituíram, portanto, em um gênero específico. Um exemplo emblemático de tal tradição é a obra de Jacques Cambry, *Fragments du dernier voyage de La Pérouse* [Fragmentos da última viagem de La Pérouse]. Nesse relato, Cambry descreveu a possibilidade do viajante

na ilha entre 16 de dezembro e 5 de janeiro de 1819. Ainda no Oceano Pacífico, a expedição permanece por cerca de três meses nas Ilhas Marianas. De acordo com Arago, eram vários os motivos que levaram a tripulação a permanecer tanto tempo nas ilhas, os quais se relacionavam sobretudo à manutenção das boas condições de viagem. Posteriormente, a expedição se dirigiu a Guham em 5 de abril e, em seguida, em 8 de agosto, a Owhyhé. As ilhas Mowi e Woahou também foram visitadas pela tripulação, que se dirigiu ao porto Jackson, na então Nova Holanda, em 30 de agosto. Uma vez no atual continente australiano, a expedição lá se estabelece até 25 de dezembro de 1819, dirigindo-se então para o arquipélago da Terra do Fogo, ao sul da América do Sul, estabelecendo-se na Baía do Bom Sucesso em 7 de fevereiro de 1820. Ao tentar cruzar o Cabo Horn, a expedição enfrenta um ciclone e altera seu rumo, dirigindo-se às Ilhas Malvinas. Após a passagem pela bacia do rio Prata, Freycinet retorna ao Rio de Janeiro, onde permanece por mais três meses, retornando à França em seguida, em novembro de 1820.

La Pérouse³ ter se deslocado para uma ilha paradisíaca, onde viveria longe do que concebia como as tristezas de uma França revolucionária submetida ao furor de Robespierre (Kury, 2001a, p.12-14). Os relatos, portanto, podem ter como referencial uma viagem que não aconteceu.

Ainda assim, a demanda pela literatura de viagens incluía a expectativa por informações verossímeis (Freitas, 1996, p.39). Daí a necessidade de, mesmo em obras de ficção, recorrer-se a dados científicos e formas de descrição também utilizadas nos gêneros propriamente científicos. O romance *Souvenirs d'un aveugle*, por exemplo, é publicado com notas científicas pelo irmão de Jacques, François Arago, o que denota uma preocupação não só com a satisfação da curiosidade do público mas também com a sua instrução e a persuasão mediante formulações científicas da época.

O primeiro texto mais abrangente de Jacques Arago é a coletânea de cartas escritas ao longo da viagem de volta ao mundo, entre 1817 e 1820, e publicadas inicialmente em 1822. A série foi um sucesso editorial no século XIX. Além de ter sido reeditada nove vezes, até mesmo décadas após a morte do viajante, a série foi traduzida para o inglês, alemão, italiano e espanhol (Sarda, 2003, p.187-188). No prefácio da publicação, Arago reitera a preocupação em publicá-las tal como foram escritas e enviadas a um suposto amigo de infância (Arago, 1823, p.vi). É possível conceber tal afirmação como um recurso estilístico no qual se reafirma a intenção de emular, através do recurso ao gênero epistolar, sentimentos de proximidade e intimidade para com o leitor, o que é um recurso usual na literatura de viagens (Roche, 2003, p.148-150). A escrita de cartas por parte de viajantes, no entanto, também poderia ter um sentido administrativo: elas seriam documentos regularmente enviados para o país natal dos viajantes ao longo da expedição, de forma a manter o controle por

3 O viajante Jean François de Galaup, o conde de La Pérouse, deixou a França em 1785 para realizar uma viagem de volta ao mundo. Entretanto, uma das embarcações da expedição naufragou. Para mais detalhes sobre a viagem de La Pérouse, ver Kury (2001a) e Taillemite (1999).

parte do Estado sobre as atividades realizadas pela expedição (Freitas, 1996, p.74-77). Relatos e diários de viagem, enfim, poderiam ser uma forma através da qual os viajantes prestariam contas para com a sociedade que deixaram em sua terra natal.

A ideia de civilização orienta a maioria das representações de indígenas presentes na série de cartas de Arago. Os comentários do viajante acerca da conjuntura política então enfrentada pelo arquipélago do Havaí são um bom exemplo do uso da categoria. Em suas cartas, Arago discorreu longamente sobre as ações políticas inglesas no arquipélago,⁴ as quais corroboraram a ascensão do líder Kamehameha I, em detrimento de outros poderes locais.⁵ Quando se atém à

4 Segundo Taillemite, o arquipélago do Havaí suscitava ambições na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Rússia. O historiador da Marinha francesa reitera a influência norte-americana na região, diferentemente de Jacques Arago, que reitera a influência inglesa. De acordo com Taillemite, os norte-americanos o frequentariam em função da caça às baleias e exploração madeireira. Para os russos, o arquipélago seria uma base bem situada para o tráfico de peles de animais entre o Alasca e a China, a ponto de o tsar ambicionar, após 1815, um estabelecimento permanente, recuando, porém, perante a hostilidade norte-americana. A Uranie chegou ao arquipélago no período da morte de Kamehameha I, em 8 de maio de 1819. Seu filho não teve as mesmas qualidades políticas e autoridade, de forma que a influência norte-americana cresceu ainda mais, embora o arquipélago tivesse sido teoricamente cedido à Inglaterra em setembro de 1794, quando da passagem de George Vancouver, o qual teria assinado um tratado com Kamehameha e outros chefes locais. Freycinet, por sua vez, desejava desenvolver a influência francesa no Havaí, projeto também visado por outros navegantes franceses que lá estiveram, sem êxito (Taillemite, 1999, p.489-490).

5 A crítica à Kamehameha I se dá em um viés duplo. Ao mesmo tempo em que Arago critica a ilha Owhyhee por ser um país onde não haveria basicamente nenhuma lei, a ponto de afirmar que em meio a um povo indisciplinado e selvagem, seria fácil a ascensão de um poder como o deste rei (Arago, 1823, p.104), o viajante francês não deixa de comentar a intervenção política inglesa no arquipélago. O poder de Kamehameha I só foi efetivado mediante a proteção britânica. Os ingleses teriam, segundo Arago, mediado as dissensões políticas do arquipélago, corroborando tal sistema político equivocado. Arago ainda aproveita a análise da situação política para criticar as mudanças culturais nas ilhas dela decorrentes. Ao identificar a ausência de arquivos no arquipélago, afirma que tais nações, ao se valerem apenas da tradição, perdem suas características primitivas sem ao menos estarem cientes das mudanças (Arago, 1823, p.112).

figura do líder, Arago emula uma determinada concepção de política, aliada ao ideal de civilização:

Tammeamah tinha sem dúvida um bom coração; sua disposição natural o levou a agir bem: porém, não obstante, todos os benefícios por ele conferidos, ainda podemos lamentar os infortúnios de uma nação que possui como modelo apenas os exemplos e lições de um só homem, sendo esse homem familiarizado apenas com os primeiros estágios da civilização e ainda não removido o suficiente do estágio selvagem de forma a permitir apenas a vigência de leis igualitárias e abolir costumes dos quais a mera ideia nos traz calafrios.⁶ (Arago, 1823, t.II, p.85)⁷

Apenas a menção à tópica da civilização não evidencia, contudo, os pressupostos aos quais Arago adere quando descreve os habitantes das ilhas Sandwich. Há detalhes específicos caros à ideia, os quais aparecem em outras seções do texto do viajante. A ideia de estágios de civilização emulada por Arago não pressupõe, por exemplo, qualquer forma de determinismo geográfico. O viajante, ao descrever em suas cartas as diferentes tribos que encontrou em todo o planeta, não utilizou a localização geográfica como um critério fundamental para compreender seus comportamentos. Ao descrever a Nova Zelândia, por exemplo, o viajante compara as tribos nela presentes àquelas que encontrou no Brasil, reificando a ferocidade das tribos de ambas as regiões:

6 As citações referentes à obra de Jacques Arago são traduções livres efetuadas pelo autor do presente trabalho.

7 Na tradução inglesa de 1823: “*Tammeamah had undoubtedly a good heart; his natural disposition led him to act well: but notwithstanding all the benefits he conferred, we may still deplore the misfortunes of a nation which has only the examples and lessons of one man as a model, and that man acquainted with the first stages of civilization; and not yet far enough removed from the savage state, to allow only equitable laws to remain in force, and to abolish customs of which the mere idea make us shudder*”.

Ainda podem ser encontrados antropófagos cujos combates são deveras mortíferos; lá perambulam tribos que, tal como os paikices ou os mundrucus, cortam as cabeças de seus inimigos derrotados e as preparam de forma a preservá-las por anos. As mesmas armas, as mesmas maneiras ferozes, e quase que os mesmos traços no corpo e rosto são encontrados entre povos situados à distância uns dos outros; e, se eu acreditar nos relatos de viajantes, há também deuses com os mesmos nomes. Expliquem, se puderem, essa maravilhosa semelhança, conforme é particularmente encontrada em zonas tão diferentes: os primeiros habitam as regiões hiperboreais; os últimos, ao contrário, recebem os raios de sol perpendicularmente sobre suas cabeças. (Arago, t.II, 1823, p.232)⁸

Tendo em vista essas descrições de Arago, torna-se possível perguntar: quais seriam, então, suas especificidades, sobretudo quando comparadas a uma longa tradição francesa de representação das Américas e dos ditos selvagens? A qual ideia de civilização Arago faz menção em seus textos? Finalmente, seria possível identificar continuidades e descontinuidades em sua obra, no tocante à representação dos indígenas?

Uma longa tradição de representação literária dos indígenas americanos é averiguável na França desde o século XVI, notadamente produzida por missionários e viajantes. Ao longo dos séculos XVI e XVII, para além de um “caráter de testemunho objetivo de uma suposta realidade”, tais representações foram criadas mediante “preceptivas retóricas” que produziram objetos letrados primordialmente

8 Na tradução inglesa de 1823: “*There are still to be found those Anthropophagi whose combats are so murderous; there yet wander savage tribes, who, like the Paikice, or the Mundrucus, cut off the heads of their vanquished enemies, and prepare them in such a way as to preserve them for years. The same weapons, the same ferocious manners, and almost the same designs on the body and face, are to be found among people situated so far from one another; and if I may believe the reports of voyagers, deities with the same names. Explain, if you can, this wonderful resemblance, particularly as it is found in such different zones: the former inhabit hyperborean regions; the latter, on the contrary, receive the sun’s rays perpendicularly on their heads*”.

governados por preceitos teológico-políticos (Daher, 2012, p.28). Em tal âmbito, os diferentes grupos indígenas americanos foram envolvidos pela ampla e genérica denominação de “*sauvages*”. Apenas ao longo do século XVIII emerge um regime de representação diferenciado, sob o qual viajantes e escritores identificaram as especificidades das ditas tribos ou nações indígenas (Chinard, 1970, p.2). Portanto, classificar povos seria, à época da viagem de Arago e Freycinet, uma possibilidade relativamente recente na cultura europeia. As formas de classificação de seres humanos se apresentariam de maneira diferenciada principalmente a partir de meados do século XVIII, configurando a emergência do homem enquanto objeto científico (Foucault, 1966). O homem pôde tornar-se objeto científico mediante uma nova concepção de classificação dos seres vivos como um todo, na qual estes não seriam catalogados como singularidades divinas, mas sim sempre mediante as relações que apresentassem entre si, com base em suas próprias características, possibilitando a representação de um quadro de seres no qual um objeto não poderia ser compreendido e representado sem estar relacionado a outro. Essas formulações foram, por sua vez, continuamente discutidas no campo da disciplina História Natural (Foucault, 1966; Thomas, 1996).

Houve diferentes tradições de classificação de povos ditos “selvagens” à época das Luzes, nem todas diretamente tributárias da História Natural. De uma maneira geral, houve a circulação da tradição tributária da ideia do “bom selvagem”, tal como formulada por Jean-Jacques Rousseau, a qual concebia povos tradicionais como exemplos do estado de natureza no qual predominaria um sentimento de pureza e virtude.⁹ Por outro lado, havia também concepções que consideravam muitos “selvagens” de maneira negativa. Nesse viés, destacam-se obras de filósofos como Buffon e Voltaire (Potelet, 1993, p.224).

9 Não se trata de afirmar que a ideia do bom selvagem tenha sido inventada por Rousseau. Tal como demonstra Gilbert Chinard (1970, p.341-365), seus textos podem ser situados dentro de uma linha de continuidade em relação a textos de séculos anteriores, elaborados sobretudo por missionários jesuítas.

A classificação elaborada por Buffon apresentava especificidades, as quais culminavam em uma concepção específica da ideia de civilização. Se Voltaire tecia uma ideia de raça ainda tributária da concepção de singularidade divina, cara às tradições textuais dos séculos XVI e XVII, Buffon, por outro lado, concebia a ideia de raça como produto de uma história (Duchet, 1995, p.294). Nessa concepção, o parâmetro para classificar os povos seriam as formas pelas quais lidariam com a natureza. Os povos degenerados¹⁰ seriam aqueles que, embora afetados pela interação com o clima, não usufruiriam efetivamente do poder empreendedor conferido ao homem, capaz de reger e organizar a natureza. Sem o desenvolvimento de tal faculdade, os povos degenerados terminariam por “destruir sem edificar”, comprometendo sua relação com a natureza. A civilização seria então o resultado de um bom domínio da natureza. Assim, Buffon estabelece uma relação entre forças morais e forças naturais no sentido de compreender o movimento, ao longo do tempo, dos diferentes povos, bem como suas possibilidades de classificação (Duchet, 1995, p.247). Logo, a ideia de civilização é cunhada no campo da disciplina História Natural não em oposição à ideia de natureza, mas sim enquanto melhor domínio possível desta (Kury, 2001a, p.22).

O estabelecimento de uma relação entre estágios de natureza e modos de subsistência não foi feito apenas pelo naturalista Buffon. De acordo com o historiador Ronald Meek, tal associação foi, na verdade, uma tendência importante no campo filosófico do século das

10 Cabe ressaltar o significado da ideia de degeneração no contexto mais amplo da obra do naturalista. Buffon utiliza o termo no intuito de identificar todo e qualquer elemento que teria sofrido alterações em função de efeitos acumulados da alimentação, do clima e do modo de vida, de forma a modificar os perfis de uma linhagem de organismos (Caponi, 2010, p.144). O uso do termo, portanto, não pressupõe a identificação de uma qualidade negativa em si, ou seja, não se trata de atribuir um juízo de valor à transformação, mas sim de identificá-la, apenas. Convém apontar que parte da originalidade do trabalho de Buffon, no século XVIII, se deu justamente por sua formulação acerca do transformismo no quadro de classificações da espécie – sem necessariamente formular uma teoria da evolução tal como feito por Darwin no século seguinte. Para detalhes, ver Caponi (2010).

Luzes como um todo, tendo sido emulada não só pelos naturalistas franceses, mas também por pensadores como Adam Smith. Esses pensadores do final do século XVIII, ao articularem a ideia de estágios de sucessos no desenvolvimento dos povos à análise dos diferentes modos de subsistência, estariam dando uma nova dimensão à frase registrada por John Locke no final do século XVII: “Nos primórdios, todo o mundo era América” (Meek, 2010).

As grandes viagens científicas de fins do século XVIII e primeiras décadas do século XIX interagiram diretamente com tais concepções acerca dos povos ditos selvagens. Era com base na literatura de viagens que muitos *philosophes* como Voltaire e Buffon puderam analisar e comparar os diferentes povos e costumes (Duchet, 1995). As viagens contribuíram para um gradual declínio da ideia do “bom selvagem” tal como exaltado por Rousseau, na medida em que permitiram o registro de práticas tidas como cruéis e injustas (Bourguet, 1997). Ainda assim, cada viagem modelou, à sua maneira, as novas possibilidades de representar selvagens. O viajante Bougainville, no século XVIII, ainda exaltava a possibilidade de encontrar o homem natural e o paraíso de uma “era de ouro” primordial. Já os viajantes posteriores, tais como Lapérouse e d’Entrecasteaux, se esforçaram por representações de caráter mais científico, de acordo com as novas formulações em circulação no campo da História Natural. A viagem de volta ao mundo de Freycinet se filiou a tal *esforço*, no intuito de elaborar representações rigorosas acerca dos povos encontrados (Taillemite, 1999, p.484).

Diversos trabalhos historiográficos apontam, no entanto, para a coexistência de visões de mundo diferentes no interior da própria expedição de Freycinet (Benoit-Guyod, 1942; Taillemite, 1999). Tal diferença propiciou a criação de representações diversas acerca das comunidades tradicionais encontradas. Segundo Étienne Taillemite, historiador da Marinha francesa, nenhum dos integrantes da tripulação pôs em dúvida os feitos da civilização europeia: o comandante Freycinet, embora fosse um verdadeiro herdeiro dos ideais de progresso e razão do século das Luzes, demonstrava forte adesão ao catolicismo, evidenciando que, a seu ver, a civilização e a religião

caminhariam juntas; o médico e naturalista Jean-René Quoy, por sua vez, seria um humanista cético, mas que não colocava em dúvida a superioridade da civilização europeia. Em tal quadro, Jacques Arago seria a figura mais complexa. Com algumas nuances, o desenhista se mostraria como um verdadeiro “*moraliste voltairien*”, sempre exaltando os valores da justiça e da razão, os quais ele identificaria até mesmo em muitos dos povos selvagens. Nesse sentido, Jacques Arago pode ser considerado um idealista, pacifista e talvez até um anticolonialista, na medida em que lamentou o fato de que, pelo contato com viajantes europeus, muitas civilizações autóctones poderiam ser destruídas (Taillemite, 1999, p.488).

De fato, apesar de toda uma tradição textual na qual as comunidades tradicionais americanas foram descritas como menos complexas, os textos de Arago apresentam passagens que as exaltam, como se vê nas cartas publicadas após sua primeira viagem. Em sua passagem pela Ilha de Owhyhee, o viajante celebrou a capacidade artesanal dos nativos, ao descrever suas casas:

Elas são produzidas através de um instrumento chamado, na região, de *toë*, o qual pode ser comparado à enxada de um carpinteiro, embora muito menor, e moldado para ser utilizado em uma só mão. Nossos marceneiros não lustram melhor a mais cara mobília; e sem plantas ou qualquer uma das ferramentas utilizadas por nossos trabalhadores, aqueles de Owhyhee são capazes de competir com os melhores artesãos da Europa. (Arago, t.II., 1823, p.65-66)¹¹

Uma percepção menos rígida do desenvolvimento de outros povos denota os vínculos de Jacques Arago com outra tradição textual: a cultura romântica. De fato, outra forma de conceber a história e costumes de outros povos emergiu com a tradição romântica. A

11 Na tradução inglesa: “*They are made by means of an instrument called in this country toë, which may be compared to a carpenter’s adze, though much smaller, and fit to be used by one hand. Our cabinet-makers do not polish the most costly furniture better; and without planes or any of the tools employed by our workmen, those of Owhyhee are capable of competing with the best artisans of Europe*”.

literatura de viagem de fins do século XVIII e início do XIX se entrelaça à emergência de tal tradição, pois trouxe à cultura europeia novos elementos para a representação de populações tradicionais. Assim, a cultura europeia é transformada mediante uma relativização de muitos alicerces da cultura iluminista, uma vez que “o cosmopolitismo universalista dos cidadãos do mundo dá lugar a um internacionalismo de especificidades geográficas e históricas que encontra sua expressão nos relatos de viagem” (Gusdorf, 1982, p.298).¹²

A adesão de Jacques Arago à cultura romântica se evidencia na edição de sua série de cartas em 1839: *Souvenirs d'un aveugle* apresenta elementos novos quando comparado à série original, o que permite seu vínculo à tradição romântica. O romance é, basicamente, uma reformulação da série de cartas antes publicadas, com a transformação, porém, da linguagem utilizada e a inserção de novos diálogos e descrições de cenas entre personagens. A pauta iluminista do ideal de civilização se mantém, mas há também a ativação de recursos da tradição textual romântica. Segundo Potelet, a escolha de palavras que evidenciam a subjetividade do autor, a tentativa de expressar a complexidade de suas impressões das experiências com os locais e povos encontrados e a menção à ideia de lembranças no próprio título da obra denotam a adesão a um léxico caracteristicamente romântico.¹³ Soma-se ao léxico romântico da nostalgia e da subjetividade a menção não só no título como também ao longo do romance à doença do autor, a qual comprometeu sua visão. A obra adquire, assim, um teor autobiográfico e se destaca, além disso, no que diz respeito às representações do Brasil, por reafirmar uma tradição textual de compaixão pelos negros, a qual foi emulada por outros viajantes e românticos que passaram pelas Américas e terminaram por constituir uma verdadeira tradição de representações

12 Tradução do original francês realizada pelo autor do presente trabalho.

13 Para uma análise das formulações científicas realizadas por viajantes com base na filosofia romântica, decorrentes da constatação da complexidade dos fenômenos naturais perante a cognição humana, ver Kury (2001b).

românticas do negro escravo, em que o cativo é descrito de maneira heroica (Potelet, 1993, p.212-219).

Entretanto, a adesão de Jacques Arago ao programa romântico é, no tocante à representação indígena, ambígua. Descritos mediante o uso da categoria *sauvages*, os nativos brasileiros, por exemplo, são por vezes elogiados e por vezes criticados. Um exemplo de virtude dos nativos como um todo seria seu apreço aos antepassados e o culto às lembranças. Nesse quesito, os “selvagens” são tidos como exemplo para os próprios europeus, os quais são vistos por Arago como desmemoriados e ingratos (Arago, 1868, p.48). Há aqui um claro exemplo de como os relatos de viagem sobre o “outro” poderiam funcionar como *locus* de crítica sobre a sociedade do próprio viajante. A reivindicação por um maior cuidado em relação à memória de antepassados, sobretudo no sentido de corroborar determinadas tradições, é, por sua vez, uma tópica romântica (Gusdorf, 1982, p.63).

Ao transformar suas cartas no romance *Souvenirs d'un aveugle*, Arago discorre mais pormenorizadamente sobre os indígenas brasileiros. Ao descrevê-los, o viajante se atém aos Tupinambá, Botocudo e Parikicé. Os Tupinambá seriam, segundo Arago, os mais ferozes, exprimindo sentimentos de amor tão verdadeiros, violentos e energicamente que seria possível denominá-los “heroicos”, ainda que como resultado de tal intensidade se dessem, frequentemente, as mais horripáveis vinganças (Arago, 1868, p.49):

O Brasil, como as outras porções deste continente, teve também suas perseguições, suas crueldades, seus massacres. Tribos inteiras foram sacrificadas, nações inteiras desapareceram; outras foram forçadas a se retirar ao cume de montanhas, a se esconder nas profundezas de florestas, a se recolher em situações onde estivessem separados de seus inimigos por imensos desertos, rios e torrentes. Aqui o perigo era real para os europeus. Homens ferozes habitavam essas regiões, suas canções eram urros e gritos de guerra; seus banquetes, cenas asquerosas de cadáveres devorados; suas tigelas eram os crânios ainda sangrentos dos inimigos derrotados. Dentre essas tribos tão terríveis, a dos Tupinambás se fazia distinguir por sua coragem e crueldade, e

quando Pédralvez chegou ao Brasil, ele o encontrou sob a posse destes em quase toda a costa. O nome deste povo derivava da palavra *Toupan*, que significa trovão, o que parecia indicar sua força e poder. (Arago, 1868, p.46)¹⁴

Ao enfatizar o conflito entre as próprias “nações” indígenas, o escritor evidencia a especificidade e a história de cada grupo indígena. Arago não incorre, portanto, na idealização de um índio brasileiro unívoco, tal como concebido por muitos românticos brasileiros.¹⁵ A atenção conferida aos termos indígenas, por sua vez, também situa Arago em uma tendência cara ao século XIX, na qual elementos da língua de povos tradicionais seriam literalmente coletados, quase que como amostras de elementos da natureza, ainda no sentido de possibilitar a criação de um quadro de compreensão da história dos diferentes povos.

14 A mesma passagem está registrada nas cartas publicadas anteriormente. Para detalhes, ver Arago (1823, p.96). No original francês: “*Le Brésil, comme les autres parties de ce continent, a eu aussi ses persécutions, ses cruautés, ses massacres. Des peuplades entières ont été immolées, des nations ont disparu; d’autres ont été forcées de se retirer au sommet des montagnes, de se cacher dans le fond des forêts, et de mettre entre elles et leurs ennemis des déserts immenses, des fleuves et des torrents. Ici le danger était réel pour les Européens. Des hommes féroces peuplaient ces contrées; leurs chansons étaient des burlements et des cris de guerre; leurs festins, des scènes hideuses de cadavres dévorés; leurs coupes étaient les crânes encore sanglants de leurs ennemis vaincus. Parmi ces peuplades si terribles, celle des Tupinambas se faisait distinguer par son courage et sa cruauté, et lorsque Pedralvez aborda au Brésil, il la trouva maîtresse de presque toute la côte. Le nom de ce peuple dérivait du mot Toupan, qui veut dire tonnerre, ce qui semblait indiquer sa force et sa puissance*”.

15 No romantismo brasileiro, o indígena foi escolhido como símbolo da nacionalidade. Como o Império buscava se contrapor à colonização, o índio foi eleito como símbolo da alteridade em relação à época colonial. No entanto, esse foi um índio idealizado. Os povos indígenas foram unificados a partir da construção do mito da identidade nacional, em detrimento do reconhecimento das especificidades de cada tribo. Essa idealização recebeu críticas, até mesmo dentro do movimento romântico. O escritor José de Alencar foi um dos que criticou essa idealização. Alencar teceu críticas ao livro de Gonçalves de Magalhães, *A Confederação dos Tamoiós*, de 1856, dizendo que os indígenas presentes na obra “poderiam figurar em um romance árabe, chinês ou europeu” (Schwarcz, 1998, p.133-134).

Os Botocudo¹⁶ também foram descritos por Jacques Arago, recebendo muito mais atenção no romance editado do que haviam recebido anteriormente, na série de cartas. A racionalidade específica das ações é identificada, na medida em que o viajante reconhece, nos jogos dos Botocudo, exercícios de destreza. Tendo isso em vista, Arago relata como esses homens “*extraordinaires*” traçariam circunferências no solo, posicionando-se em seguida em seu centro e atirando aos céus de forma que as flechas caíssem quase sempre dentro do círculo. Ao descrevê-los fisicamente, Arago afirma andarem completamente nus, com cabelos longos. Tal como os Tupinambá, eles fariam descer aos seus ombros as cartilagens de suas orelhas, além de fixar no lábio inferior, perfurando-o, um pedaço rígido de madeira que se estenderia até o queixo (Arago, 1868, p.47). Em um exercício textual de comparação entre povos, o viajante afirma:

O botocudo é, sem dúvida, o selvagem mais corajoso, mais inteligente, habilidoso do mundo. Nem os malaios com seu *crish* envenenado, nem o guebeano sobre seus *caracores*, nem o zelandês com seu *cassetete* de pedra, nem o habitante das Ilhas Carolinas com seu bastão tão admiravelmente talhado, nem mesmo o habitante antropófago de Ombay, onde minha vida correu tantos perigos, podem se comparar ao botocudo munido de seu arco, de suas flechas e de seu pequeno saco de pedras. (Arago, 1868, p.47, grifos de Arago)¹⁷

16 Segundo Costa, os índios botocudos foram “os nativos mais temidos e difamados na literatura de viagem”. Os relatos de viagem do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, no entanto, promovera uma nova forma de representação da tribo. A ideia de civilização, no entanto, manteve-se como eixo central das descrições, sendo os Botocudo exaltados justamente por serem, de acordo com o príncipe, passíveis de serem civilizados (Costa, 2008, p.5-6). Maximiliano também teria sido, segundo Costa, um dos autores a reiterar que a denominação “botocudo” é de origem europeia, sendo a tribo descendente dos Aimoré (Costa, 2008, p.25).

17 No original: “*Le Botocudo est, sans contredit, le sauvage le plus brave, le plus intelligent, le plus adroit du monde. Ni le Malais avec son crish empoisonné, ni le Guébéen sur ses caracores, ni le Zélandais avec son casse-tête en pierre, ni le Carolin avec son bâton si admirablement ciselé, ni même l’Ombayen anthropophage, chez*

Apesar de reconhecer a coragem e o apreço aos antepassados demonstrados pelos indígenas brasileiros, a escrita de Arago se torna ambígua no momento em que analisa as práticas de punição das tribos, bem como seus conflitos. Arago encerra a seção de seu texto narrando um conflito entre tupinambás e parikicés, deixando clara sua expectativa pelo fim da presença de tais “raças cruéis”, as quais se destruiriam umas às outras e rapidamente desapareceriam da Terra, o que era esperado pelo viajante em função da felicidade da humanidade (Arago, 1868, p.50).

As Ilhas Sandwich também são objeto de descrições do romance e das cartas. Novamente, há descrições ambíguas em torno das populações tradicionais. A identificação da violência nas “*nations*” do arquipélago não é feita sob o mesmo teor referente aos indígenas brasileiros, cuja violência seria por vezes inata. No entanto, constata-se, ainda assim, uma capacidade assustadora de violência, sob condições específicas:

Ah bem! Estude o povo que vive ao redor dessas crateras dominadoras, e encontre neles um reflexo dessa ávida e selvagem natureza que vos faz tremer em vossa admiração. O *sandwichien* é ao mesmo tempo abrupto, pesado e turbulento; seu caráter é bom por instinto, e suas maneiras, assim como seu esqueleto, tem algo de rude e de repulso. Nele, todas as paixões fermentam em seu peito; é necessária uma catástrofe para que ele as lance para fora; mas então eles são terríveis: matam, esmagam, devoram. Cook foi morto em meio a uma dessas convulsões. (Arago, 1868, p.230)¹⁸

lequel ma vie a couru de si grands dangers, ne peuvent se comparer au Bouticoudo muni de son arc, de ses flèches et de son petit sac de pierres”.

- 18 No original: “*Eh bien! étudiez le peuple qui vit autour de ces cratères dominateurs, et vous retrouvez chez lui un reflet de cette apre et sauvage nature qui vous fait trembler dans votre admiration. Le Sandwichien est abrupt, lourd et turbulent à la fois; son caractère est bon par instinct, et ses manières, ainsi que sa charpente, ont quelque chose de rude et de repoussant. Toutes ses passions, à lui, fermentent dans sa poitrine: il faut une catastrophe pour qu’il les jette au dehors; mais alors aussi elles sont terribles, elles tuent, elles écrasent, elles dévorent. Cook est mort dans une de ces convulsions”.*

Ao comentar os hábitos e a economia de trocas presente na ilha, Arago (1868, p.225) elogia os povos, afirmando que o egoísmo não faz parte da cultura dos *sandwichiens*.¹⁹ No entanto, o mesmo sistema de trocas, ao envolver as mulheres da ilha, traz repulsa ao viajante francês. Os *sandwichiens* tinham como costume oferecer suas mulheres aos visitantes que na ilha desembarcavam. Diante de tal prática, Arago registra sua reprovação, afirmando que as palavras “civilização” e “pudor” não possuiriam sentido para os nativos (Arago, 1868, p.222).

A relação entre os habitantes das Ilhas Sandwich e a agricultura é outro ponto criticado por Arago no romance, o que comprova sua adesão a uma concepção de civilização baseada nos modos de subsistência dos diferentes povos. O viajante exalta os coqueiros, as bananeiras, os tamarindeiros e as mamoneiras do local, mas lamenta a falta de cultivo por parte dos habitantes, afirmando que os nativos nada fazem para lutar contra a acusação de preguiça recorrentemente feita por viajantes. Tendo isso em vista, Arago compara os *sandwichiens* a outros povos, tentando explicar a falta de cultivo através dos hábitos alimentares dos nativos. Uma vez que os *sandwichiens* comem apenas ao sentir fome, a cultura se torna inútil, a ponto de os habitantes das Ilhas Marianas, também criticados por Arago em seção anterior do romance, assemelharem-se a glutões quando comparados aos habitantes das Ilhas Sandwich. Arago infere que um europeu provavelmente morreria de inanição caso tivesse de se contentar com a porção de comida usualmente digerida pelos nativos. Ao comentar os governos locais, Arago elogia as medidas do líder Kamehameha (“Tamahamah”), que teria feito concessões de terrenos para homens dispostos a cultivá-los, reservando-se o direito de puni-los caso não aproveitassem os terrenos concedidos. Entretanto, o viajante reprova as medidas do filho de Kamehameha, Riouriou, que teria deixado a população seguir seus próprios caprichos, deixando as terras inférteis. O viajante francês termina por concluir que a apatia dos *sandwichiens* em relação ao cultivo da terra seria também recorrente em

19 Optou-se por manter o termo original utilizado por Jacques Arago.

todos os seus hábitos de vida, e não apenas no uso da terra (Arago, 1868, p.226).

A comparação entre hábitos alimentares de vários povos é mote de outro texto de Arago: a obra *Jantares em diferentes países*. Nela, Arago registra os hábitos alimentares de diversos povos para criticar as consequências morais dos hábitos dos próprios europeus, no intuito de demonstrar que, “na verdade, os povos civilizados são os mais selvagens do mundo” (Arago, 2006, p.16). Destaca-se a constante referência a textos bíblicos e à moral cristã, sobretudo em suas vertentes que primam pelo ideal de frugalidade. O teor moralista cristão de tal obra se coaduna às reflexões registradas em *Souvenirs d'un aveugle*, corroborando mais uma vez a possibilidade de compreender parte da obra de Arago em uma linhagem textual romântica francesa, tendo em vista que dois aspectos caros ao romantismo francês foram, segundo Stephen Bann, a exaltação da religião e a descoberta da alteridade na história (Bann, 1988, p.253).

Agora, porém, o alvo de Arago são seus próprios conterrâneos:

Os povos menos civilizados, mais rudes, em geral se preocupam menos em satisfazer o corpo com a boa mesa. [...] Mas nós, que somos mais esclarecidos e mais instruídos, deveríamos reconhecer que nos esmeramos em cuidados excessivos e vergonhosos, com essa ação bestial que consiste em mastigar a matéria com os dentes para introduzi-la no estômago. (Arago, 2006, p.105)

Contudo, muitos povos tradicionais tampouco são poupados por Arago na obra. Os próprios habitantes das Ilhas Sandwich são criticados pela forma cruel através da qual cozinhavam animais, atirando-os ainda vivos ao fogo (Arago, 2006, p.61-64).

O registro dos jantares elaborado por Arago não é apenas um inventário de quadros pitorescos, exóticos ou cruéis. É justamente em suas representações dos diferentes rituais alimentares por ele testemunhados que podemos compreender em que medida Arago se valeu da representação de outros povos para criticar a sua própria sociedade. Logo após *Jantares em diferentes países*, Arago publicou,

na França, a obra *Comme on dîne à Paris* [Como jantar em Paris], na qual tece críticas severas à desigualdade social de seu país.²⁰ Em sua denúncia da fome e da mendicância parisienses, os diversos jantares selvagens aparecem como um modelo positivo. A obra é uma resposta às diversas críticas que Arago teria recebido de leitores insatisfeitos ao encontrarem somente descrições de jantares em locais exóticos ou selvagens, posto que as grandes capitais europeias não eram mencionadas no livro. Em resposta, Arago se vale justamente do próprio ideal de civilização, agora para criticar não os selvagens, mas sim Paris, cidade onde, “como em todo país civilizado, aquele que carece totalmente de dinheiro carece totalmente dos meios de adquiri-lo. Nada é mais fácil que ganhar um milhão, nada é mais difícil que ganhar um tostão” (Arago, 1842, p.25).²¹ A antropofagia também é convertida em um recurso literário subordinado à crítica da desigualdade. No intuito de refutar a ideia de que não haveria antropófagos em Paris, Arago é enfático ao afirmar que em nenhuma outra região da Terra seria possível encontrar homens mais empenhados em devorar uns aos outros (Arago, 1842, p.34). Finalmente, em uma comparação

20 O uso literário das polêmicas acerca das desigualdades sociais não foi exclusivo de Jacques Arago. Como demonstra Jean-Pierre Bédéi (2012), ao longo da década de 1840, uma série de escritores se dedicou apaixonadamente à descrição dos problemas que afligiam não apenas a sociedade parisiense mas a francesa como um todo, o que culminou nas mais variadas produções literárias sobre questões políticas e sociais. A atividade não se restringiu à publicação de romances. Destaca-se, nesse sentido, o jornal *Le Salut Public*, cujas duas edições foram publicadas em 1848 por Charles Baudelaire, Jules Champfleury e Charles Toubin (Bédéi, 2012, p.87). É possível inferir, portanto, que, à época de Arago, a própria condição de escritor era um estímulo para que tais temas fossem abordados. Além disso, convém indicar a presença de Jacques Arago em um círculo amplo de sociabilidade do campo literário francês da época, o qual incluía nomes como Victor Hugo e Stendhal, os quais dedicaram suas penas a motivos políticos. No que tange especificamente os manifestos políticos de 1848, Jacques Arago publicou “Aux juges des insurgés” (Sarda, 2003, p.192, 197).

21 No original: “*Ici, comme dans tout pays civilisé, qui manque totalement d'argent manque totalement de moyens d'en acquérir. Rien n'est plus facile à gagner qu'un million, rien n'est plus difficile à gagner qu'un petit écu*”. O termo “tostão” foi deliberadamente escolhido, no sentido de evidenciar o contraste visado pelo escritor.

direta entre o que testemunhava na França e suas viagens pelo mundo, Arago lamenta, interpelando o leitor:

Percorra as duas Índias, os numerosos arquipélagos que enfeitam os oceanos, os vastos continentes descobertos há menos de um século, e em todos o homem selvagem encontra o que comer, o que beber. Água, frutas, alguns animais domésticos, legumes, um abrigo, nada daquilo lhe falta, ao passo que entre nós, nação dominante, tocha resplandecente que levará a luz das artes e das ciências às regiões mais longínquas, entre nós que temos a pretensão de regenerar a espécie humana (inumana, eu deveria dizer), o homem morre de fome, de frio, e nem sempre possui sequer um leito miserável sobre o qual repousar sua cabeça. (Arago, 1842, p.68-69)²²

A tópica da prodigalidade da natureza que oferece ao homem aquilo que ele de fato necessita é apropriada por Arago, portanto, para criticar a sua própria sociedade. Uma mudança de registro de seus escritos, no tocante à representação dos selvagens, começa a se delinear, culminando em representações cada vez mais distantes da denúncia da crueldade inata tal como evidenciada nas cartas de 1823. O “selvagem” passa, cada vez mais, a ser habilitado como um dos eixos de um discurso comparativo sobre as injustiças francesas.

Tal mudança é o que se identifica no romance *Les Deux Océans*, obra na qual locais e costumes da América são, de uma maneira geral, exaltados. O romance é dedicado ao imperador d. Pedro II e denota as filiações políticas de Jacques Arago no final de sua vida, sobretudo tendo em vista sua decepção com o golpe de Estado executado

22 No original: “*Parcourez les deux Indes, les nombreux archipels qui parent les océans, les vastes continents découverts depuis moins d’un siècle, partout l’homme sauvage trouve de quoi manger, de quoi boire. De l’eau, des fruits, quelques animaux domestiques, des légumes, un abri, rien de tout cela ne lui manque, et chez nous, nation dominante, flambeau éclatant qui va porter la lumière des arts e des sciences jusqu’aux régions les plus éloignées, chez nous qui avons la prétention de régénérer l’espèce humaine (c’est inhumaine que je veux dire), l’homme meurt de faim, de froid, et n’a pas toujours un grabat pour reposer sa tête*”.

por Napoleão III. No prefácio do romance, o viajante afirma que há momentos nos quais democracia e realza podem andar lado a lado, afirmando em seguida seu desejo em ser um súdito de d. Pedro II (Arago, t.I., 1854, p.5-6).

A descrição positiva referente ao Brasil pode ser interpretada como uma das estratégias de Jacques Arago para se posicionar no campo literário²³ brasileiro. Segundo François Sarda, Jacques Arago esperava obter de d. Pedro II a direção do teatro Imperial de São Pedro, no qual foi apresentada sua peça *L'Éclat de rire* [A gargalhada] (Sarda, 2003, p.199). A apresentação da peça, sua interação com João Caetano dos Santos, bem como uma audiência marcada com o próprio d. Pedro II, são registradas no romance *Les Deux Océans* (Arago, t.III, 1854, p.207-211). Além disso, em seu último romance, Arago é enfático ao elogiar a natureza brasileira. Descrevendo aquela que teria sido sua terceira passagem pelo que chama de “*mon beau Brésil*”, o viajante francês exalta:

Eu reencontro aquilo que tanto amei, as brisas carinhosas, os cantos dos negros, o assobio singular de seus papagaios, e creio ouvir e ver voando ao meu redor as borboletas, matizadas, os beija-flores, ainda mais ricos e mais deslumbrantes, que o olho mal pode seguir suas loucas alterações. (Arago, t.III., 1854, p.196)

Os povos tradicionais americanos, contudo, continuam uma referência distante, mesmo no último romance de Arago. O viajante, em *Les Deux Océans*, opta por descrever o contato com grupos ditos civilizados e até mesmo os agentes em um primeiro momento rotulados como selvagens, tal como a jovem chilena Rosita (Arago, t.II, 1854, p.100), só recebem a atenção da pena de Arago quando são elogiados por sua integração com os hábitos civilizados. A denominação de “selvagem” é empregada, portanto, para ser posteriormente desconstruída. Ainda assim, no que diz respeito aos povos tradicionais

²³ Faz-se referência ao conceito de campo literário tal como formulado por Bourdieu (1992).

da América, o registro, ainda que evidencie de maneira nítida a diferença entre os estágios de civilização e aquele no qual os habitantes se encontram, já não é tão severo como os realizados logo após a expedição de Freycinet, quase trinta anos antes:

Há povos cuja conquista é impossível. Selvagens, como sua eterna solidão, constroem entre eles e a civilização uma barreira de areia, de rochas ou de florestas virgens cujo silêncio e profundidade somente eles ousam interrogar. Os sábios exploradores não possuem nem o tempo nem a coragem necessários ao aprimoramento das raças primitivas, que só têm por inimigos, até o presente, as bestas ferozes ou venenosas e a cólera dos elementos. Aqui, no entanto, reside a verdadeira glória do viajante que compreender a importância de sua missão; aqui apenas ele encontra o valor de seus trabalhos e de sua fadiga; aqui apenas ele encontraria a utilidade no presente e no futuro, para o pregador e o discípulo, para o homem da natureza e o homem de nossas cidades. (Arago, 1854, t.1, p.146)²⁴

Ao afirmar que os selvagens possuem como inimigos apenas as bestas e os elementos naturais, Arago recusa a ideia de uma crueldade inata, cara a muitos textos de viajantes do século XIX. Além disso, há uma reflexão explícita sobre a própria identidade do viajante: ela não se basearia no dever de aprimorar raças, o qual seria compartilhado pelos ditos sábios, mas sim na missão de observar o valor de elementos opostos, unidos justamente através da experiência da viagem.

24 No original: “Il y a des peuples dont la conquête est impossible. Sauvages comme leurs éternelles solitudes, ils mettent entre eux et la civilisation une barrière de sables, de roches ou de forêts vierges dont eux seuls osent interroger le silence et la profondeur. Les savant explorateurs n’ont ni le temps, ni le courage nécessaires à l’amélioration des races primitives qui n’ont pour ennemis, jusqu’à présent, que les bêtes féroces ou venimeuses et la colère des éléments. Là, cependant, serait la vraie gloire du voyageur qui comprendrait l’importance de sa mission; là seulement il trouverait le prix de ses travaux et de ses fatigues; là seulement il y aurait utilité dans le présent et dans l’avenir pour le prédicateur et le disciple, pour l’homme de la nature et l’homme de nos cités”.

Para uma compreensão dos motivos artísticos baseados nos indígenas, uma análise da obra de Arago envolve também sua produção iconográfica. Dentre os textos supracitados, a série de cartas publicadas após a viagem de volta ao mundo contém gravuras elaboradas pelo próprio Jacques Arago. São obras comprometidas com a possibilidade de transmitir ao público europeu não só as características físicas dos povos encontrados, ou seja, características que permitem sua classificação dentro do quadro maior de espécies e povos do mundo, mas também atos e costumes que poderiam ou não atestar o grau de civilização desses povos. Um exemplo é a preferência por representar, dentre os costumes dos habitantes das Ilhas Sandwich, um tribunal: uma forma cruel, agressiva e degenerada de implementar a justiça.



Figura 1 – Julgamento realizado nas Ilhas Sandwich

Fonte: Arago (1823, t.II, p.137).

A imagem exerce uma função integrada ao texto das cartas, de modo que os métodos de implementação de justiça elaborados pelos *sandwichiens* são duramente criticados. Arago inclusive estabelece uma diferença entre os habitantes das Ilhas Sandwich e as tribos

brasileiras: as últimas seriam momentaneamente indulgentes com seus prisioneiros, causando-lhes prazeres de forma que estes viessem a sentir mais remorso perante a perda da vida (Arago, 1823, t.II, p.137). As tribos brasileiras seriam, portanto, mais perversas.

Entretanto, o mesmo tema é abordado no romance *Souvenirs d'un aveugle* contendo uma ressalva, na qual Arago reitera que a verdadeira harmonia e a verdadeira igualdade não se encontram acessíveis em nenhum lugar do mundo senão nos cemitérios:

Indique-me então lugares onde a perfeita igualdade seja compreendida e posta em prática! Tal lugar existe, no entanto: são os cemitérios, os pântanos de todas as regiões do mundo. Glória, grandeza e esplendor por fora, é verdade; mas, por dentro, pó de escravo ou de senhor, pó de idiota ou de homem de gênio: igualdade perfeita. Nesse sentido, portanto, tudo é harmônico no desacordo físico e moral das Ilhas Sandwich. (Arago, 1868, p.233)²⁵

A compreensão de uma gama tão vasta de representações, tanto literárias quanto iconográficas, produzida pelo mesmo agente se torna mais factível mediante a relação com as formulações de Chartier, para quem as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (Chartier, 1990, p.17). Sendo assim, as representações devem ser concebidas dentro de dinâmicas sociológicas que permitem novas reformulações e apropriações mediante os deslocamentos dos agentes em função de seus sucessivos posicionamentos sociais ocupados. É possível inferir que Jacques Arago cunhou representações mais severas em torno dos indígenas americanos, as quais tinham como

25 “Indiquez-moi donc des lieux où la parfaite égalité soit comprise et mise en pratique! Il y en a pourtant: ce sont les cimetières, les marais de tous les pays du monde. Gloire, grandeur et faste au dehors, cela est vrai; mais au dedans, poussière d’esclave ou de maître, poussière de crétin ou d’homme de génie: égalité parfait. Ainsi, donc, tout est harmonie dans le désaccord physique et moral des îles Sandwich.”

base sobretudo o ideal de civilização oriundo do campo da História Natural. Também concluímos que seu próprio posicionamento social se encontrava estreitamente vinculado ao desenvolvimento das atividades de Estado da Restauração Bourbon, tal como identificados em sua designação enquanto desenhista de uma expedição científica de volta ao mundo, legitimada não só pelo rei, mas também pela Academia Real de Ciências da qual seu irmão fazia parte.

Os textos analisados também podem ser compreendidos a partir da historicidade dos gêneros textuais. Os diversos gêneros emulados por Arago, tais como a narrativa epistolar e o próprio relato de viagem, são variáveis ao longo do tempo, e sua apreensão pode ser viável não mediante a comparação de tais produções a algum tipo de formulação essencialista referente ao que seria – um modelo primordial de narrativa epistolar, por exemplo –, mas sim através da comparação com obras produzidas no mesmo período. Portanto, a contínua transformação histórica dos gêneros pode ser compreendida através da comparação de várias formas de ativação de um certo gênero na cultura de uma época, sem que seja tido como parâmetro principal da possibilidade de eficácia de tais produções à semelhança de um suposto modelo ontológico, primordial e imutável do que supostamente deveria ser, por definição, o gênero (Schaeffer, 1989).

Um texto que possibilita uma boa comparação entre gêneros é o relatório científico produzido por Louis de Freycinet, comandante da expedição da qual Jacques Arago fez parte. Tanto Freycinet quanto Arago compartilharam experiências semelhantes em função da viagem e do contato com as regiões do itinerário da expedição. A escrita de seus relatos, no entanto, também é condicionada pela moldura dos gêneros. A forma como os índios são descritos na série de cartas e nos romances de Arago é diferente da forma como, à mesma época, Freycinet descreveu os nativos brasileiros, por exemplo.

O relatório de Freycinet referente ao Rio de Janeiro foi publicado em 1825, cinco anos após a realização da viagem. O documento confirma a análise de trabalhos historiográficos que ressaltam o catolicismo de Freycinet e seu apreço pela ação missionária dos jesuítas (Taillemite, 1999, p.489) – apreço que resultou em divergências com

o caráter crítico e por vezes anticlerical do próprio Jacques Arago (Benoît-Guyod, 1942, p.48-49). Freycinet narrou a história política da região e descreveu os usos da natureza efetuados tanto pelos colonos quanto pelos nativos, além de atributos geográficos, a flora e a fauna locais. Ao se ater às formas pelas quais os nativos se relacionavam com a natureza, o viajante francês se alinha a uma tradição de análise que remete às formulações de Buffon. Essa, porém, não é a maior especificidade de seu texto, mas sim o cristianismo, outro eixo primordial de sua análise das comunidades tradicionais fluminenses.

Os índios ocupam um capítulo à parte no relatório e são descritos mediante o uso da categoria “civilização”. Assim, a distinção efetuada por Freycinet entre povos não se resume à diferenciação entre povos nativos e povos de origem europeia. Freycinet diferencia os povos indígenas originais e os povos indígenas vivos à época de sua expedição. Essa operação permite que ele reconheça, no período em que visita o Rio de Janeiro, a presença do que chama de “índios civilizados”, “índios semicivilizados” e “índios ainda selvagens” (Freycinet, 1825, p.324).

Os índios civilizados seriam basicamente aqueles há mais tempo convertidos ao cristianismo, os quais estariam concentrados principalmente nos entornos da capital, nas vilas de San Lorenzo, San Gonçalo e Sepatiba. Há, portanto, novamente o elogio à catequização promovida pelos jesuítas, a qual teria tornado os costumes dos índios menos ferozes e introduzido o hábito do trabalho e a prática de artes mecânicas nesse grupo (ibid., p.324). Os índios civilizados se apresentariam, no entanto, em pouca quantidade, sobretudo pelo fato de já estarem demasiado mesclados com os portugueses. Freycinet se apropria dos textos de Eschwege e do príncipe de Wied-Neuwied²⁶

26 É possível identificar, aqui, um descompasso entre os textos de Freycinet e aqueles dos quais se apropria, tendo em vista que o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, ao analisar as diferentes tribos e raças, tinha como referencial principal seu professor, Blumenbach, o qual classificou as raças humanas tomando como referencial principal a fisiologia (notadamente os diferentes formatos cranianos), ao passo que, como demonstrado, a análise de Freycinet acerca dos grupos indígenas se baseia predominantemente em uma concepção

para descrever traços físicos desses índios, como a estatura média e a pele avermelhada, bem como características de suas habitações feitas de pedaços de madeira entrelaçados e guarnecidas com argila, com telhados em folhas de coqueiro. No que diz respeito à relação com os costumes portugueses, há críticas, ainda que se impute aos índios o título de civilizados. De acordo com Freycinet (*ibid.*, p.325-7), esses índios, aparentemente, ainda estariam em um nível forte de superstição e ignorância, desfigurando algumas práticas e crenças da religião a eles apresentada. Os índios semicivilizados, por sua vez, estariam presentes às margens do rio Paraíba, nas aldeias de San-Fidelis e Aldeia da Pedra, aldeias de Coropó e Coroado. Freycinet lamenta que, em meio a esses índios, nenhuma indústria europeia tenha se estabelecido eficazmente. Em relação às doenças averiguáveis no grupo dos Coroado, Freycinet cita a diarreia, a icterícia e a tuberculose, e critica os costumes de cura empregados por esses grupos, sobretudo em relação a febres e ao sarampo, curados somente mediante a imersão do doente na água fria. A poligamia dos Coroado também é criticada (*ibid.*, p.329-332). Em relação aos índios não civilizados, ele registra poucos dados, sob a justificativa de que eles teriam sido analisados por poucos historiadores e viajantes. O grande apoio que Freycinet encontra ao se apropriar de outros relatos de viagem para analisar certos grupos indígenas permite a inferência de que a expedição teve pouco contato direto com esses grupos, acumulando pouco material decorrente de experiências próprias.

Assim como Jacques Arago, Freycinet também foi intensamente marcado pelo contato com diferentes povos ao longo de sua viagem. Tais marcas o levaram a escrever sobre os povos ditos “selvagens” em momentos posteriores de sua vida, sem se restringir à incumbência da publicação de um relatório científico. Em junho de 1840, já membro da Academia de Ciências, o comandante explicita ainda mais sua

de civilização vinculada aos modos de subsistência e relação com a natureza. Para detalhes em torno de Wied-Neuwied e sua relação com os textos de Blumenbach, ver Costa (2008, p.10-11).

adesão a um programa específico de compreensão não só desses povos como da própria história humana:

Quando consideramos com cuidado os costumes, a indústria e a religião dos homens não civilizados, identificamos curiosas semelhanças com o pensamento dos mais antigos povos cujos usos e crenças a história nos transmitiu. Essas observações tendem a demonstrar a grande unidade da espécie humana e as comunicações que os homens outrora estabeleceram entre si, em uma época remota da qual os livros e a tradução igualmente perderam a lembrança, mas da qual a analogia nos fornece ainda provas irrefutáveis. (Freycinet, *Annales maritimes*, 1840, t.II, p.917 apud Taillemite, 1999, p.492)²⁷

A religião mais uma vez surge como categoria cara às formulações de Freycinet. Desta vez, no entanto, certos traços das crenças e práticas selvagens são interpretadas como evidências de uma unidade da religiosidade humana:

São, convenhamos, fatos notáveis encontrar o dogma da imortalidade da alma exatamente em meio aos povos que consideramos localizados no último estágio da escala intelectual, ver que a ideia de um espírito mau e a de uma potência recompensadora existem em meio a eles, e que quase em todos os lugares ainda eles conservam a tradição do dilúvio e em muitos pontos traços evidentes da lei mosaica. (Freycinet, *Annales maritimes*, 1840, t.II, p.917 apud Taillemite, 1999, p.492)²⁸

27 No original francês: “*Quand on considère avec soin les moeurs, l’industrie et la religion des hommes non civilisés, on y remarque de curieuses similitudes avec les pensées des plus anciens peuples dont l’histoire nous ait transmis la croyance et les usages. Ces observations tendent à démontrer la grande unité de l’espèce humaine et les communications que les hommes ont eues entre eux à une époque reculée dont les livres et la traduction ont également perdu le souvenir mais dont l’analogie nous fournit encore des preuves irréfragables*”.

28 No original francês: “*Ce sont, on en conviendra, des faits très remarquables que de retrouver le dogme de l’immortalité de l’âme jusque chez les peuples que nous considérons comme placés au dernier degré de l’échelle intellectuelle, de voir que l’idée*

O campo científico do qual Freycinet fez parte também possibilitou a produção de outras representações de indígenas. Muitos outros relatórios científicos registraram até mesmo um sentimento de compaixão pelos índios, tal como o fizeram muitos românticos quando descreveram os negros escravizados. Auguste de Saint-Hilaire, por exemplo, chegou a lamentar sua própria previsão do eminente fim dos *Indiens du Brésil* [Índios do Brasil] (Potelet, 1993, p.225). A literatura de viagem, contudo, não se restringiu ao campo científico, e dentre os viajantes que optaram por registrar os índios brasileiros de maneira apologetica, Ferdinand Denis é, certamente, um dos que mais se destaca.

Ele esteve no Brasil pela primeira vez em 1816, residindo primeiramente no Rio de Janeiro e, em seguida, na Bahia. Sua viagem foi motivada sobretudo pelas más condições financeiras em que sua família se encontrava, tendo em vista que seu pai havia perdido toda sua fortuna ao longo da Revolução, além de seu irmão ter sido prejudicado com a Restauração de 1815 (Potelet, 1993, p.26). Após deixar o Brasil, Denis escreve diversas obras sobre o país, tais como *Le Brésil ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* [Brasil, ou história, hábitos, usos e costumes dos habitantes desse reino], junto a Hippolyte Taunay, em 1822, e *Histoire géographique du Brésil* [História geográfica do Brasil], publicada em 1833. A experiência de quatro anos no Brasil bem como um amplo mercado europeu de interesse por bens exóticos – tais como livros, objetos, quadros, artefatos indígenas e até mesmo animais empalhados – permitiram que Denis, ao retornar à França em 1820, pudesse de fato ingressar no campo intelectual, nele se consolidando mediante diversas estratégias narrativas e editoriais (Daher, 2012, p.192-193).

Denis integrou o projeto de autonomização da literatura brasileira frente à literatura portuguesa, sobretudo mediante a publicação, em 1826, de *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivie du resumé de*

d'un malin esprit et celle d'une puissance rémunératrice existent partout au milieu d'eux, que presque partout encore ils conservent la tradition du déluge et sur beaucoup de points des traces évidentes de la loi mosaïque".

l'histoire littéraire du Brésil [Resumo da história literária de Portugal seguida do resumo da história literária do Brasil]. Suas representações, de caráter apologético e nacionalista, transformaram as “cenas” da natureza tropical, bem como os temas indianistas, em objetos de uma literatura efetivamente brasileira. Seu trabalho foi posteriormente apropriado por muitos brasileiros que se debruçaram sobre a questão indígena. Um exemplo é o general Couto de Magalhães que publicou, em 1876, *O selvagem: trabalho preparatório para aproveitamento do selvagem e do solo por ele ocupado no Brasil*, um programa de civilização para os índios (Daher, 2012, p.170, 188-189). É possível identificar, portanto, diversas linhas de intertextualidade entre a vasta obra de Denis e a de vários autores.

A intertextualidade entre os textos de Ferdinand Denis e os primeiros escritos de Jacques Arago é evidenciada na obra *Scènes de la nature sous les tropiques* [Cenas da natureza sob os trópicos]. Publicada em 1824, *Scènes de la nature* menciona o recém-publicado relatório científico de Louis de Freycinet, além da série de cartas de Arago (Denis, 1824, p.15, 221, 359). Os textos são apropriados por Denis no intuito de demonstrar a especificidade das cenas nos trópicos. Na obra, são vários os aspectos de um programa romântico que permite sua vinculação à linhagem textual que inclui Alexander von Humboldt, Chateaubriand e Bernardin de Saint-Pierre. Denis se aproxima de uma formulação da possibilidade de cognição da natureza tal como concebida por Humboldt, na qual paisagens, costumes e inspirações poéticas se tornariam apreensíveis para o viajante mediante a experiência – o que permite uma analogia entre as *Scènes de la nature*, de Denis, e as *Ansichten der Natur* [Visões da natureza], de Humboldt (Daher, 2012, p.194-199). Em função disso, no tocante à representação dos indígenas, eles são descritos sempre com base em uma referência à paisagem: mediante o uso da fórmula da “convergência do olhar” do viajante. No capítulo VIII, “Amor do indígena pelas suas florestas: efeitos que devem produzir sobre ele nosso clima”, Denis recupera um caso descrito em edição

do *Journal de Débats*,²⁹ no qual constaria a narrativa de um índio botocudo que, levado a Viena, não teria suportado a vida em meio à civilização, reclamando seu lugar e sua integração harmoniosa às florestas tropicais (Denis, 1824, p.61-65). É sobretudo no capítulo XVIII, dedicado aos índios Machakali, que Denis evidencia sua adesão a uma representação romântica dos indígenas, lamentando o desaparecimento das “*nations*” brasileiras e de sua história. Segundo o francês, tribos como os Guaycourou, os Machakali e os ferozes Aymoré não teriam recebido dos viajantes europeus a mesma atenção conferida àqueles que outrora habitaram o Canadá e a Flórida. Denis lamenta o sacrifício de “cem nações ainda na inocência, sacrificadas pelo amor a riquezas, e a verdadeira coragem vencida pelos mais negros artifícios” (Denis, 1824, p.130-131).³⁰

Denis não teceu comentários de tal teor apenas em *Scènes de la nature*. Em *Histoire géographique du Brésil*, um ensaio em torno da falta de conhecimento, por parte dos europeus, acerca do interior do território brasileiro, também traz comentários semelhantes. Na obra, é possível encontrar descrições de indígenas nas quais Denis exalta a coragem e os caracteres nobres das nações nativas brasileiras. Para tanto, recupera as descrições efetuadas por Jean de Léry, viajante guenote que no século XVI teria sido, segundo Denis, o primeiro a descrever com cuidado tanto as produções naturais da região brasileira como tais nações até então desconhecidas. Somente através de Lery foi possível, para a cultura europeia da época, uma compreensão plena dos nativos americanos, não mais mediada pelos contos de homens como Munster que, nas palavras de Denis, teriam descrito os índios de maneira absurda, efetuando julgamentos que não eram exatos nem isentos de preconceitos (Denis, 1834, p.7).

29 De acordo com o historiador Jean-Claude Caron, o *Journal des Débats* seria uma publicação de caráter combativo no contexto político francês, vinculada aos “*ultraroyalistes*”, grupo entusiasta da radicalização dos valores monárquicos em disputa sob o governo de Luis XVIII (Caron, 2011, p.12). Ferdinand Denis, contudo, não se manifesta acerca do caráter da publicação.

30 No original francês: “*cent nations encore dans l’innocence sacrifiées à l’amour des richesses, et le vrai courage vaincu par les plus noirs artifices*”.

Apesar da intertextualidade, a obra de Denis se afasta do teor da análise referente aos índios cunhada por Arago na década de 1820, em sua série de cartas. O teor dos textos de Denis é sempre complacente em relação aos índios. Denis, ao recordar os selvagens brasileiros levados por Claude d'Abbeville para serem expostos na Europa, resalta que os mesmos “morreram de dor longe de suas belas florestas” (Denis, 1834, p.8). Ao estabelecer um quadro histórico do desenvolvimento das raças brasileiras, o viajante francês também reconhece que, pouco a pouco, as raças indígenas viriam perdendo os costumes de seus instintos primitivos. Além disso, ao discorrer sobre o destino da nação, Denis não critica a presença indígena ou condena o desenvolvimento do território em função dela. O Brasil em sua totalidade, o que incluiria todas as raças citadas por Denis, ou seja, inclusive os índios, apresentaria todos os atributos necessários para a sua ascensão entre os povos (Denis, 1834, p.92).

As semelhanças entre Denis e Arago não se restringem às suas formulações textuais. Ambos os escritores se dedicaram à coleta de bens exóticos, o que incluía diversos artefatos indígenas. Tal espécie de colecionismo pode ser considerada parte constitutiva de uma verdadeira “economia de bens exóticos”, a qual motivou diversas trocas e redes entre grupos franceses, sobretudo devido a uma “longa tradição cultural francesa representada tanto pelos gêneros contidos no que se convencionou chamar ‘literatura geográfica’, quanto pelos gabinetes de curiosidades” (Daher, 2012, p.190-191).

A inserção de Jacques Arago em tal economia de bens exóticos está registrada em remissivas que enviou a d. Pedro II. Em carta de 16 de outubro de 1850, o viajante, além de solicitar uma permissão para dedicar seu próximo romance a d. Pedro II, também solicitava uma medalha da Ordem do Cristo, afirmando tê-la recebido da mãe do imperador à época de sua primeira viagem pelo Brasil, acompanhando Freycinet, tendo, no entanto, perdido tal medalha ao longo de uma aventura marítima. Como dito anteriormente, seu último romance, *Les Deux Océans*, foi dedicado ao imperador. No intuito de obter a permissão para realizar tal dedicatória, Jacques Arago ofereceu, em troca, parte dos bens exóticos que possuía. Artefatos

produzidos por comunidades tradicionais integravam seu acervo pessoal, o que denota a forma como o viajante lhes imputava um valor exótico. Dentre os objetos, constavam as armas de dois reis do Arquipélago das Marquesas, arcos e flechas da Nova Caledônia e uma coroa tecida pela rainha tahitiana Pomaré.³¹

Ainda no tocante às representações literárias, é possível afirmar que, em uma questão, tanto Ferdinand Denis como Jacques Arago registraram apreensões de fato muito semelhantes: a prodigalidade da natureza brasileira. Denis (1834, p.22) afirmou que, no Brasil, a natureza apenas espera que o homem peça algo, sempre dando a ele o que é pedido. Já Arago chegou a registrar que o homem seria sempre jovem nas terras do Rio de Janeiro: Deus não teria dado ao homem brasileiro o tempo de envelhecer. Os dias no Brasil seriam isentos de dor e arrependimentos. Tais concepções estão registradas em uma das últimas obras de Arago, *Voyage autour du monde sans la lettre A* [Viagem ao redor do mundo sem a letra A], publicada em 1853 (Freitas, 1996, p.28-29). Essa obra, portanto, denota uma mudança nas preferências do autor em relação às possibilidades de representação do Brasil, as quais se tornaram semelhantes às cunhadas por Ferdinand Denis cerca de vinte anos antes.

A exaltação do estado da natureza em tal perspectiva, que remete indubitavelmente às formulações de Jean-Jacques Rousseau, certamente se tornou disponível para ambos devido à adesão enfática, anos antes, de outro viajante e naturalista: Bernardin de Saint-Pierre. Ainda no século XVIII, Saint-Pierre atuou como naturalista na administração colonial da ilha Maurício, junto a Pierre Poivre e Philibert Commerson, botânico que acompanhou o viajante Bougainville em expedição de volta ao mundo (Grove, 1995, p.216). Posteriormente, já ao longo do período revolucionário, chegou a ficar encarregado, no ano III, do curso de Ciências Morais na École Normale. Suas obras tiveram grande repercussão na cultura científica europeia da época e contribuíram para uma difusão da imagem dos trópicos e sobretudo

31 Documento do Arquivo da Casa Imperial do Brasil. Maço 113 – Doc. 5662. Acervo Arquivo Histórico/Museu Imperial/Ibram/MinC.

das ilhas tropicais enquanto locais virtuosos, onde seria possível uma vida em comunhão com a natureza. Exemplo emblemático de tal concepção é o romance *Paul et Virginie* (Freitas, 1996, p.40-41; Kury, 2001a, p.42).

Já nas cartas publicadas após a viagem junto a Freycinet, Jacques Arago registra seu apreço aos textos de Bernardin de Saint-Pierre, filiando-se, então, a uma tradição literária simbolizada pelo autor. Ao visitar a Ilha de França, o viajante oitocentista lamenta o fato de sua experiência com o local se contrapor às imagens tecidas no romance do naturalista do século XVIII.

Os nomes do *Grande Rivière*, *Rivière Noire*, *Piterboth*, *Pamplemousses* e *Rivière des Lataniers*, lugares atraentes, celebrados pela musa de Bernardin de Saint-Pierre, e os quais excitaram o interesse de minha juventude, despertaram em mim uma curiosidade que eu não poderia deixar de corresponder. Paul e Virginia, eu estava prestes a lhes acompanhar em suas caminhadas, a lhes seguir nas ravinas, a perambular junto a vocês ao pé das *Trois Mamelles*, a lhes assistir cruzando a corrente, visitar suas cabanas no *Enfoncement des Prêtres*. Eu iria usufruir das carícias de suas ternas mães e contemplar com emoção as duas palmeiras, as quais remontavam aos seus nascimentos e iriam cair com vocês. Oh, por quê?! Por que tais ilusões devem ser destruídas? Por que Paul agora não passa de um ser imaginário aos meus olhos? Por que Virginia é apenas uma mera vítima desconhecida das ondas?! (Arago, 1823, t.1, p.129, grifos de Arago).³²

32 Na tradução inglesa de 1823: “*The names of Grande Rivière, Rivière Noire, Piterboth, Pamplemousses and Rivière des Lataniers, charming places, celebrated by the muse of Bernardin de St. Pierre, and which interested my boyhood, excited in me a curiosity which I could not forbear gratifying. Paul and Virginia, I was going to accompany you in your walks, yo follow you into the ravines, to stroll by your side at the foot of the Trois Mamelles, to assist you in recrossing the torrent, to visit your cottages in the Enfoncement des Prêtres. I was going to enjoy the caresses of your tender mothers, and to contemplate with emotion the two palm-trees, which dated from your birth and were to fall with you. Why, alas! must such sweet illusions be destroyed! Why is Paul now but an imaginary being in my eyes; why is Virginia merely an almost unknown victim of the waves!*”.

A filiação de Arago à obra de Saint-Pierre não se limita à citação do romance *Paul et Virginie*. A forma como o desenhista caracterizou, em seus últimos escritos, a virtude dos americanos, negando uma barbárie inata, também denota o vínculo. Na obra *Études de la nature* [Estudos da natureza], Bernardin de Saint-Pierre afirma que a barbárie é apenas uma doença da infância das nações, e não um atributo que faça parte da natureza humana. A barbárie seria apenas uma reação ao mal provocado por inimigos. Nesse sentido, o naturalista afirma na obra que se, por um lado, as ditas hordas selvagens do Novo Mundo comem reciprocamente seus prisioneiros de guerra, por outro lado, as famílias de um mesmo povoado vivem na mais perfeita união. No intuito de retirar de tal observação uma possibilidade de assertiva científica sobre as harmonias e semelhanças naturais como um todo, Bernardin de Saint-Pierre estabelece então uma comparação entre tal tipo de comportamento e aquele dos animais frágeis, os quais seriam muito mais vingativos que os maiores. Assim, o naturalista compara o comportamento de abelhas, as quais rapidamente ferem a mão que delas se aproxima, ao passo que os grandes elefantes raramente alteram seu caminho quando próximos ao disparo de flechadas. Tendo isso em vista, seria a fragilidade dos nativos, portanto, que os levaria a tais atos violentos, e não uma crueldade inata (Saint-Pierre, 1804, p.438).

Em seus *Études de la nature*, Bernardin de Saint-Pierre também discorre sobre o gênero humano enquanto evidência da Providência Divina. O objetivo principal do autor seria responder àqueles que, com base nas diversas formas do gênero humano e nos males decorrentes de suas instituições, buscariam refutar as evidências da Providência divina, negando que os humanos possuiriam a mesma origem, além de uma superioridade de ordem moral em relação às bestas (Saint-Pierre, 2007, p.177). Jacques Arago, embora não teorize sobre uma origem comum do gênero humano tal como Saint-Pierre, arrisca em sua série de cartas inferir sobre uma remota origem comum de tribos que encontrou. Mais uma vez, mediante uma reflexão do que é ser viajante, Arago, após citar as tribos brasileiras dos Jumma, Mauhe, Pamma e Parintintin, as compara àquelas presentes em ilhas da Polinésia, afirmando:

Nós poderíamos talvez, então, encontrar alguns pontos de aproximação entre nações tão distantes: e quanto a mim, eu não posso deixar de pensar que um viajante, que deve dirigir sua atenção exclusivamente aos pontos de semelhança existentes entre os povos separados uns dos outros pelo diâmetro do globo, e que deveria conceber tal semelhança de forma consoante à razão e ao bom senso, abriria uma rica e útil mina, a qual um espírito filosófico e observador por sua vez trabalharia em prol da humanidade. Que muitas tribos anteriormente desconhecidas possam se assemelhar umas às outras em atributos de pouca importância é algo a ser facilmente concebido: mas que botocudos, por exemplo, apresentem tal coincidência, se assim posso me expressar, com os nativos das Carolinas, que os costumes dos mundrucus se assemelhem, quase que nas mínimas circunstâncias, aos dos neozelandeses, é um argumento para que eu acredite que, dia ou outro, poderemos encontrar aproximações entre essas diferentes nações, as quais, sem diminuir a fama de um Cook, um La Perouse, um Gama, um Colombo ou um Magella, possam tender a provar que essas tribos, agora tão afastadas, mas ainda assim tão intimamente semelhantes, estiveram sujeitas aos mesmos trajes, compartilharam as mesmas tarefas árduas, e foram separadas apenas por uma dessas catástrofes que abalaram a face do globo e alteraram as leis da natureza. (Arago, 1823, p.100-101)³³

33 Na tradução inglesa: “*We shall perhaps then find some points of approximation between nations so remote: and for my part, I cannot help, thinking, that a traveller, who should direct his attention exclusively to the points of resemblance existing between people separated from each other by the whole diameter of the globe, and who should account for the phaenomena of that resemblance in a manner consonant with reason and good sense, would open a rich and useful mine, which a philosophical and observant spirit would in its turn work for the benefit of mankind. That many insulated and formerly unknown tribes may resemble each other in the character of their countenance and in some general and unimportant features, may easily be conceived: but that the Botocudos, for example, should have such a coincidence, if I may so express myself, with the natives of the Carolines; that the customs of the Mundrucus should, almost in their minutest circumstances, resemble those of the New Zealanders, is an argument with me for believing, that some day or other we may find approximations between these different nations, which, without diminishing the fame of a Cook, a La Perouse, a Gama, a Columbus, or a Magellan,*

Da exposição efetuada, é possível enfim elaborar algumas conclusões em torno das representações indígenas concebidas por Arago. Trata-se certamente de uma obra complexa, descontínua e por vezes contraditória, cujos elementos indicam, para usar as palavras de Pierre Bourdieu (1994, p.71), verdadeiras tomadas de posição (*prises de position*) de Jacques Arago que não se restringem nem à mera história da literatura de viagem, como tampouco a um mero contexto externo aos livros. Assim, suas produções acabam por emular diferentes possibilidades de representação dos indígenas. Mais do que uma fonte de acesso à realidade dos nativos americanos, tais representações são sobretudo registros que permitem a interpretação das formas através das quais a cultura europeia os compreendia. Destaca-se nos textos o uso da categoria “raça”, sobretudo em sua vertente buffoniana, como um produto da história dos usos da natureza por parte de determinado grupo que se desenvolveram conjuntamente com o padrão moral dessa coletividade. A cultura romântica, por sua vez, é emulada no que diz respeito ao reconhecimento das individualidades e especificidades da trajetória de cada grupo social, especialmente mediante o reconhecimento do vínculo de seus costumes com a natureza e o local de suas origens. Não ocorre, todavia, uma ressignificação integralmente virtuosa de todo e qualquer grupo tido como “selvagem”. As caracterizações mais rígidas e críticas em relação aos povos tradicionais americanos são frequentes, sobretudo nas representações criadas nos momentos em que Jacques Arago esteve mais intimamente vinculado a instituições do Estado francês, sendo, portanto, o resultado de disposições específicas oriundas de um dado posicionamento social, historicamente variável. Jacques Arago conheceu diversas comunidades indígenas em suas longas viagens de volta ao mundo. Os seus textos, no entanto, também refratam outra viagem: aquela que fez, social e estilisticamente, em seu próprio mundo, a turbulenta França do século XIX.

may tend to prove that these tribes, now so far asunder, but yet so closely resembling each other, have been subject to the same customs, have shared the same toils, and have been separated only by one of those catastrophes which have convulsed the face of the globe and changed the laws of nature”.

Referências bibliográficas

Textos de época

- ARAGO, J. *Comme on dîne à Paris*. Paris: Berquet et Pétion, 1842. Disponível em: <<http://books.google.com>>. Acesso em: 30/7/2012.
- . *Les Deux Océans*. Bruxelles; Leipzig: Kiessling, Schnée et C, Libraires, 1854. 3t. Disponível em: <<http://books.google.com>>. Acesso em: 30/12/2012.
- . *Narrative of a Voyage Round the World, in the Uranie and Physicienne Corvettes, commanded by Captain Freycinet, during the years 1817, 1818, 1819, and 1820; on a scientific expedition undertaken by order of the French Government. In a series of letters to a friend*. London: Treuttel and Wurtz, Treuttel, Jun. and Richter, 1823. Disponível em: <<http://books.google.com>>. Acesso em: 30/7/2012.
- . *Souvenirs d'un aveugle, voyage autour du monde*. Tome deuxième. Paris: Hortet et Ozanne, 1839. Disponível em: <<http://books.google.com>>. Acesso em: 30/7/2012.
- . *Souvenirs d'un aveugle: voyage autour du monde*. Paris: H. Lebrun Libraire, 1868.
- DENIS, F. *Histoire géographique du Brésil*. Paris: [s/n], 1834. 2.ed. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56517758>>. Acesso em: 3/4/2013.
- . *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie; suivies de Camoens et Joze Indio*. Paris: Louis Janet, 1824. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5714986t>>. Acesso em: 20/3/2013.
- FREYCINET, L. de. *Voyage autour du monde, entrepris par Ordre du Roi, sous le Ministère et conformément aux instructions de S. Exc. M. le Vicomte de Bouchage, secrétaire d'État au Département de la Marine, exécuté sur les corvettes de S.M. l'Uranie et la Physicienne pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820*. Paris: Pillet-Ainé, Imprimeur-Libraire, 1825. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k99353d>>. Acesso em: 3/4/2013.
- SAINT-PIERRE, B. de. *Études de la Nature*. T.IV. Paris: L'Imprimerie de Crapelet, 1804. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k29316r>>. Acesso em: 3/4/2013.

Livros, teses, artigos publicados em periódicos e textos de época republicados

- ARAGO, J. *Jantares em diferentes países: esboço anedótico e fisiológico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- BANN, S. Romanticism in France. In: PORTER, R.; TEICH, M. (Eds.). *Romanticism in National Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BÉDEÏ, J.-P. *La Plume et les barricades: de Lamartine à Baudelaire, les grands écrivains dans la révolution de 1848*. Paris: Express Roularta Éditions, 2012.
- BENOÎT-GUYOD, G. *Au Temps de la Marine en bois: le tour du monde de "l'Uranie" (1817-1820) / le voyage triomphal de la "Belle Poule" (1840)*. Paris: Mercure de France, 1942.
- BOURDIEU, P. *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- _____. Pour une science des œuvres. In: _____. *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994, p.59-89.
- BOURGUET, M.-N. O explorador. In: VOVELLE, M. (org.). *O homem do iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.
- CAPONI, G. *Breve introducción al pensamiento de Buffon*. Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana, 2010.
- CARON, J.-C. *La France de 1815 à 1848*. 2.ed. Paris: Armand Colin, 2011 [1993].
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHINARD, G. *L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVIIe et XVIIIe siècle*. Genève: Slatkine Reprints, 1970 [1913].
- COSTA, C. R. d. *O príncipe maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815-1817)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2008.
- DAHER, A. *A oralidade perdida: ensaios de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DUCHET, M. *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières*. Paris: Albin Michel, 1995.
- FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.
- FREITAS, I. A. de. *Pour une histoire naturelle de la géographie. Les voyageurs-naturalistes français au Brésil au siècle des Lumières*. These de Doctorat en Géographie. Univeriste de Paris IV – Sorbonne. Paris: Sorbonne, 1996.

- GROVE, R. H. *Green Imperialism: Colonial Expansion, Tropical Island Edens and The Origins of Environmentalism, 1600-1860*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- GUSDORF, G. *Les sciences humaines et la pensée occidentale IX: fondements du savoir romantique*. Payot: Paris, 1982.
- KURY, L. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Armattan, 2001a.
- . Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagens. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, v.8 (suplemento), p.863-80, 2001b.
- LEQUEUX, J. *François Arago, un savant généraux. Physique et astronomie au XIXe siècle*. Paris: EDP Sciences, 2008.
- MEEK, R. *Social Science and the Ignoble Savage*. Cambridge/London/New York: Cambridge University Press, 2010 [1976].
- POTELET, J. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français 1816 – 1840*. Paris: L'Harmattan, 1993.
- ROCHE, D. *Humeurs vagabondes. De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*. Paris: Fayard, 2003.
- SAINT-PIERRE, B. de. *Études de la nature*. Présenté et annoté par Colas Duflo. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2007.
- SARDA, F. *Les Arago: François et les autres*. Paris: Tallandier, 2002.
- SCHAEFFER, J.-M. *Qu'est-ce qu'un genre littéraire?* Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador: dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TAILLEMITE, É. *Marins français à la découverte du monde: de Jacques Cartier à Dumont d'Urville*. Paris: Fayard, 1999.
- THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.